



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA - CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARIA SÔNIA DE SALES BRITO**

**AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCATIVO: SUA IMPORTÂNCIA SEGUNDO  
OS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

:

**CAMPINA GRANDE  
2019**

MARIA SÔNIA DE SALES BRITO

AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCATIVO: SUA IMPORTÂNCIA SEGUNDO OS  
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em  
Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba,  
apresentado como requisito parcial à obtenção do título de  
licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Psicologia Educacional

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Tatiana Cristina Vasconcelos

CAMPINA GRANDE  
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862a Brito, Maria Sonia de Sales.  
Afetividade no contexto educativo [manuscrito] : sua importância segundo os professores do ensino fundamental / Maria Sonia de Sales Brito. - 2019.  
27 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Ensino fundamental. 2. Afetividade. 3. Educação. 4. Processo ensino-aprendizagem. I. Título  
21. ed. CDD 372

MARIA SÔNIA DE SALES BRITO

AFETIVIDADE COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL NO PROCESSO DE  
ENSINO APRENDIZAGEM

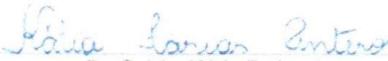
Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em  
Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba,  
apresentado como requisito parcial à obtenção do  
título de licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Psicologia Educacional

Aprovado em: 09/32/2019

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.ª Dr.ª Tatiana Cristina Vasconcelos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Ms. Kátia Farias Antero  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. José Luís Santos  
Faculdade Integrada de Patos (FIP)

**A DEUS**, meu refugio, minha fortaleza.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2. O QUE É AFETIVIDADE? .....</b>	<b>07</b>
<b>3. AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.....</b>	<b>07</b>
<b>4. CONTRIBUIÇÕES NA CONCEPÇÃO DE WALLON.....</b>	<b>10</b>
<b>5. VIDA E OBRA DE HENRRI WALLON .....</b>	<b>12</b>
<b>6. PSICOGENÉTICA DA PESSOA COMPLETA .....</b>	<b>13</b>
<b>6.1. Campos Funcionais .....</b>	<b>13</b>
<b>6.2. Estágios do Desenvolvimento .....</b>	<b>14</b>
<b>7. PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>16</b>
<b>7.1. Local da pesquisa .....</b>	<b>18</b>
<b>8. ANÁLISE E DISCUSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>18</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>10. REFERENCIAS .....</b>	<b>23</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>27</b>

## RESUMO

A afetividade é um fator importante na constituição do sujeito. Dado que, a afetividade é um estado psíquico do homem e que pode ou não ser modificado de acordo com as situações que lhe permeiam, acompanha-lhe durante toda a sua vida, ela exerce um significativo papel no desenvolvimento do sujeito e em suas relações sociais. O presente trabalho tem como objetivo analisar e compreender a importância da afetividade no ensino fundamental. Para conseguir tal propósito, foi realizado um estudo de caso com abordagem quantitativo-qualitativo, com a participação de vinte profissionais da educação do Ensino Fundamental Anos Iniciais de uma escola de Campina Grande – PB. Por meio de um questionário semi-estruturado. Foram analisadas e discutidas as respostas das docentes com fundamentação nas teorias do teórico Henri Wallon (1968), e dos autores (as) Galvão (2014), Sabino (2012), Almeida e Mahoney (2007), Mendes (2017), Rossini (2012), entre outros. Os resultados apresentaram que os laços afetivos são muito importantes para estabelecer uma relação professor/aluno e ajudar na construção do ensino aprendizagem, uma vez que para os docentes a afetividade gera confiança e segurança nos alunos, tornando a atividade da escolarização mais prazerosa e motivadora. Todavia para elas, através da prática de atividades pedagógicas envolvendo a afetividade torna possível se estabelecer amizade e empatia com os alunos. Portanto concluiu-se que a comunidade escolar, em particular a docência, deve levar em consideração o papel da afetividade no contexto escolar para promover um bom desempenho na efetivação do processo de ensino aprendizagem com os alunos, visando seu desenvolvimento de forma integral.

**Palavras-chave:** Afetividade. Contexto escolar. Ensino Fundamental. Aprendizagem.

## ABSTRACT

Affectivity is an important factor in the constitution of the subject. Since affectivity is a psychic state of man and may or may not be modified according to the situations that permeate somebody throughout the life, it plays a significant role in the development of the subject and in its social relations. This study aims to analyze and understand the meaning of affectivity in elementary school. To achieve this purpose, a field and case study with a quantitative-qualitative approach was carried out, with the participation of twenty professionals from elementary school education in two schools in Campina Grande - PB. Through a semi-structured questionnaire. The answers of the teachers based on the theories of theorist Henri Wallon (1968), and the authors Galvão (2014), Sabino (2012), Almeida and Mahoney (2007), Mendes (2017), among others, were analyzed and discussed. The results showed that affective bonds are very important to establish a teacher/student relationship and help in the construction of teaching and learning, since for teachers the affection generates trust and security, making schooling activity more pleasant and motivating. However, for them, the practice of pedagogical activities involving affection makes it possible to establish friendship and empathy with students. Therefore, it is concluded that the school community, in particular teaching, must take into consideration the role of affectivity in the school context to promote a good performance in the realization of the teaching-learning process with the students, aiming at its integral development.

**Keywords:** Affectivity. School context. Elementary School. Learning.

## 1. INTRODUÇÃO

Embora a educação escolar nos últimos anos tenha evoluído, se modernizado, em termos de pesquisas e tecnologias, nas escolas brasileiras, o índice de reprovação e de evasão escolar é bastante alto. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), em 2018 cerca de 3,5 milhões de estudantes foram reprovados e/ou abandonaram a escola. Atualmente 13 milhões de brasileiros são analfabetos, Não sabendo construir uma simples frase. O país ocupa a 8ª posição no ranking mundial de analfabetismo (UNICEF, 2019).

Essa problemática se mostra cada dia mais presente e que, os recursos para esse problema diminuir vão além dos subsídios materiais. No contexto escolar é necessário verificar as inúmeras variáveis que se somam para que o ensino aprendizagem aconteça e de maneira favorável. Uma das variáveis que torna um facilitador pelo gosto de estudar e consequentemente leva a um bom resultado de ensino aprendizagem é a afetividade.

Esse trabalho trata de analisar a importância que a afetividade ocupa na vida do indivíduo durante sua trajetória na educação escolar. Mais do que nunca se houve tamanha necessidade de haver afeto no ambiente escolar como nos dias de hoje. A carência pelo afeto, empatia e sensibilidade entre a sociedade educativa não esteve tão em alta como na contemporaneidade.

As relações interpessoais dos autores da educação nos dias de hoje estão ficando cada vez mais frágeis e tem se mostrado muito distante do que poderia ser o ideal. Apesar da importância da afetividade no ensino, a dimensão da afetividade tem sido ignorada na prática diária do ensino em sala de aula. Todavia, afirma Serrano (2002, p. 115), “nenhum valor afetivo pode ser vivenciado sem um envolvimento ativo.”

A afetividade é algo essencial para a construção das informações cognitivo-afetivo nas crianças e consequentemente nas relações que devem ser estabelecidas entre professores e alunos, é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações ou das vivências com outras pessoas.

Segundo Wallon (1968), o indivíduo é afetado por elementos externos e internos no seu comportamento, esses elementos podem influenciar na questão do ensino e aprendizagem de maneira direta e indireta e de forma negativa e/ou positiva. Assim, esse trabalho também vem oportunizar uma concepção de afetividade na visão Walloniana, inserindo apontamentos ante a ótica do teórico Henri Wallon. Os trabalhos de Henry Wallon, relativo à teoria do desenvolvimento psicogenético amparam que a escola é um espaço para desenvolver valores e aptidões em contato com a cultura.

A prática da afetividade na educação escolar juntamente com a vida familiar envolve todo o desenvolvimento infantil na fase do ensino fundamental, no aspecto físico, intelectual, moral, espiritual e social já que as heranças desta fase encaminharão o indivíduo às realizações na vida. Conforme os autores Calil (2007), Mahoney e Almeida (2005) a visão de Wallon, que aborda a articulação entre pedagogia e a psicologia, busca valorizar os seguintes elementos: a pessoa, a educação, o professor, a cultura e as relações sociais na formação do discente, referindo-se a quatro campos funcionais: afetividade, cognição movimento e pessoa.

Dentre outros motivos, escolher Henri Wallon para respaldar a questão da relação cognição e afetividade, assim com suas implicações educacionais decorre da concepção psicogenética dialética do desenvolvimento, que apresenta uma grande contribuição para a compreensão do humano como pessoa integral, contribuindo na superação da tradicional divisão mente/corpo presente através de um viés cultural.

Para analisar as questões do ensino aprendizagem no contexto escolar apontando a afetividade como um instrumento de significativa importância, assim, foi feito estudo de caso em uma escola públicas de Ensino Fundamental Anos Iniciais na cidade de Campina Grande

– PB. O estudo teve como objetivo analisar os relatos de docentes destacando a presença da afetividade nas relações escolares por meio de suas práticas pedagógicas.

## 2. O QUE É AFETIVIDADE?

Segundo Rocha (2002), palavra afetividade deriva da palavra *afeto* do latim *affectus* e significa “relação, disposição, estado temporário, amor, atração” A psicologia se refere a esses fenômenos como qualquer sentimento de paixões, emoções, preocupações, carinho, entre outros. Portanto, afirma Rocha (2002) que, a afetividade é qualidade ou caráter afetivo, que é relativo a ‘afeto’, e seus componentes são a ‘afeição’, sentimento de apego sincero por alguém e carinho, a ‘amizade.’

Codo e Gazzotti (1999) aprofunda o conceito e se refere à afetividade como sendo um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza” (CODO & GAZZOTTI, 1999, p. 48-59). Porém, Neste estudo, vamos se apropriar do conceito da afetividade na perspectiva de Henri Wallon (1989), que para ele, a afetividade se trata de um domínio funcional em que os indivíduos a possuem e, ela está ligada às suas funções orgânicas vitais, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Assim para Wallon, o conhecimento dos componentes da afetividade requer ações cognitivas, da mesma forma que tais ações pressupõem a presença de aspectos afetivos.

De acordo com Gallahue (2005), identifica à associação entre o desenvolvimento motor e as áreas cognitiva e afetiva do comportamento humano como:

O desenvolvimento motor está relacionado às áreas cognitiva e afetiva do comportamento humano, sendo influenciado por muitos fatores. Dentre eles destacam-se os aspectos ambientais, biológicos, familiar, entre outros. Esse desenvolvimento é a contínua alteração da motricidade, ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação necessidades da tarefa, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente (GALLAHUE, 2005, p. 3).

Desse modo, entendemos que, para ocorrer um desenvolvimento global, é preciso a estreita relação entre os fatores afetivo, cognitivo e motor, enxergando o indivíduo como um todo e em contínuo desenvolvimento, oferecendo-lhe desde cedo as bases (subsunoeres) por meio do estímulo.

## 3. AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola constitui-se um espaço de encontro entre diferentes indivíduos, cada um com suas próprias particularidades, conflitos e anseios, mas neste ambiente podemos ver a transformação do processo de aprendizagem através da troca de conhecimentos, promovendo assim, esforços para que o indivíduo encontre os meios de se preparar para realizar seus projetos de vida e vir a ser um cidadão apto a exercer a cidadania.

Segundo Canivez (1991, p.33), mostra que a escola passa a ser o espaço social, depois da família, a escola, institui a cidadania, é ela, o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra.

Sendo assim, a escola se tornou o segundo lugar de vivência e convivência da sociedade, fazendo parte da vida e do desenvolvimento dos indivíduos, desta forma, afirma Garcia (2008, p. 70) [...] na escola, a cidadania, enquanto aprendizagem e exercício social afetivo, precisa se referir, por exemplo, não somente ao acesso a diversas formas de conhecimento, mas também a uma prática social de respeito, de igualdade, de dignidade e de participação.

De acordo com Cerizara, a educação deve ser um meio de construir um novo indivíduo para viver em uma nova sociedade, estando este apto a enfrentar a realidade tal como ela é, de modo a fazer uso tanto da razão quanto do sentimento, conhecendo a si próprio e a seus semelhantes. Isso se dá pelo fato da criança não ser capaz de assumir-se como ser moral, precisando do adulto para orientá-la em busca da independência e autonomia, (CERIZARA, 1990, p. 166).

Todavia, ressalta Almeida (1999, p. 107) que, os atores educacionais, professores, alunos, toda sociedade educativa, não são considerados a partir da condição humana de sua totalidade e singularidade. Estes são vistos desprovidos de características como emoção e afeto, atribuindo-lhes apenas as características necessárias ao ambiente escolar, como por exemplo, a atenção especial à cognição.

Sabemos que a escola configura-se em um espaço destituído de neutralidade, ao contrário, ela atua como instrumento de dominação, formação e reprodução humana que promove a integração de uma criança abstrata que se encontra no mundo infantil a passar para o mundo adulto pelo processo de escolarização que a tem como indivíduo predominantemente racional, assim, Almeida (1999), retrata que:

[...] as relações afetivas são, em alguns grupos, predominantemente o motivo das suas agregações, fato que não ocorre com a escola, na qual a razão primeira de sua existência está na responsabilidade com o conhecimento. Entretanto, mesmo na escola, as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas (ALMEIDA, 1999, p. 107).

É na escola, que o indivíduo vive um processo de socialização qualitativo e quantitativo distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais. Será submetido a novas experiências de socialização de uma realidade, pela mediação de novos agentes que não tem como prioridade o vínculo afetivo.

Contudo, Vasconcelos defende a ideia de que a escola pode se constituir em uma instituição social crítica, e ainda, promove uma atividade educativa transformadora e constitutiva, em que tanto a criança como o professor entra na relação do ensino e da aprendizagem como sujeitos em processo de desenvolvimento e utilizadores de processos psicológicos distintos, mas interdependentes, onde a atuação de um afetar a do outro (VASCONCELOS, 1995, p. 14-15).

Segundo Sabino, na perspectiva reichiana, a escola é mais um dispositivo social de ação encorajadora quando prioriza a padronização dos comportamentos afetivos, a partir de mecanismos predominantemente repressores. A disciplina e as regras rígidas, impostas sem argumentação, objetivam nivelar as atitudes a um enquadramento padrão a alunos e alunas, em que as expressões de sentimentos e emoções aceitas e não aceitas contrariam a livre pulsação dos organismos. O aprendizado acaba sendo destituído do prazer de aprender (SABINO, 2012, p. 125).

No entanto, é na escola também, que o indivíduo vive grande parte de sua vida, se distanciando do âmbito que antes era totalmente familiar para algo novo diferente do que vivera em outros ambientes, passando a se apropriar de novos conceitos que irão fazer parte de sua identidade como ser humano, assim, a influência da afetividade no desenvolvimento humano é significativa no espaço em que ela está vivenciando, adverte Wallon “o espaço não é

primitivamente uma ordem entre as coisas, é antes uma qualidade das coisas em relação a nós próprios, e nessa relação é grande o papel da afetividade, da pertença, do aproximar ou do evitar, da proximidade ou do afastamento” (WALLON, 1986, p. 33).

Portanto, segundo Polakow (1993, p. 159), a escola deve assegurar às novas gerações um lugar que faça sentido estar, assim, o autor afirma que:

[...] um lugar é mais do que a soma das suas rotinas, regras, horários, resultados de avaliação [...] um lugar onde as crianças e os jovens sintam que são importantes, não instrumentalmente, porque estão presentes e fazem parte de um número determinado, mas existencialmente, porque se trata de uma paisagem em que elas têm significado e um sentido de pertença (POLAKOW, 1993, p. 159).

Oferecer uma nova proposta de formação ao indivíduo no âmbito escolar corresponde a uma nova perspectiva, um novo processo de formação que não deve estar distante de oferecer uma educação baseada na afetividade, deve fazer parte de um projeto de humanização, devendo ser um foco da escola e dos professores que a compõem, assim, na concepção de Sabino (2012) “a escola é um espaço onde as gerações se encontram (ou se desencontram) em relações afetivas, na busca pela construção de conhecimentos e saberes necessários à formação de identidades individuais e sociais” (SABINO, 2012, p. 126).

É necessário que o compromisso do educador esteja além do fazer, que tenha conhecimento do porque fazer. Entenda que, de um modo geral, o afeto diz respeito às expressões de sentimentos que os indivíduos logo experimentam no início da vida, e fazem com que esse conjunto de sentimentos exerça um papel crucial em suas ações, em casa e na escola, assim, Rossini (2012, p. 9) afirma que “parece haver um estreito paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e o intelectual, com este último determinando as formas de cada etapa da afetividade.” Segundo a mesma, o que se observa no dia a dia é que a afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional (ROSSINI, 2012, p. 9).

Desta forma, uma criança que possui afeto por seus professores tem mais vontade de ir à escola e tem mais vontade de aprender, uma criança tratada com afeto em casa e na escola sente vontade de retribuição, e assim por diante, é natural essa troca de afeto, pois ela gera confiança pelo “outro”. Neste sentido, Rossini (2012), afirma que as crianças que possuem uma boa relação afetiva, são seguras, tem interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual (ROSSINI, 2012, p. 9).

No entanto, é importante ressaltar que a afetividade não acontece apenas no contato físico, questionar a capacidade do aluno, valorizar seu trabalho, reconhecer seu esforço e incentivá-lo sempre é um ato de afeto.

Para Cavalcante (2005), o cuidado com o aluno vai muito além de dar beijinho, elogiar e acarinhar. Muitas vezes o afeto é demonstrado de forma contrária: quando o professor é severo. Se ele é justo e chama a atenção de forma respeitosa, o aluno passa a admirá-lo e busca não decepcioná-lo. [...] Alunos que se relacionam e se desenvolvem bem são aqueles que se sentem acolhidos, valorizados por seus talentos e que lidam bem com seus sentimentos (CAVALCANTE, 2005, p. 56).

Segundo Dias (2007) a escola não deve ser apenas um ambiente de aprendizagem cognitiva, ele assinala que os currículos escolares brasileiros deveriam abordar a afetividade, e defender uma educação compromissada com a formação de pessoas livres, autônomas, responsáveis e amorosas. Para ela, o avanço da modernidade, a necessidade de sobrevivência, a mudança de papéis desempenhados pela família e as inovações tecnológicas trouxeram para a escola um novo homem, o qual necessita de uma formação baseada nos valores do grupo social (DIAS, 2007).

Desta forma, à escola não deve ser um obstáculo para a formação do indivíduo em termos afetivos, o afeto faz parte da totalidade do mesmo. Segundo Piaget (1994), a

afetividade não se abrange somente a sentimentos e emoções, ela alcança vontades e desejos, interferindo no comportamento. Portanto, ela está diretamente ligada a ações de rebeldia, de obediência e também aos sentimentos de amor e medo. A falta de afeto reflete diretamente em desequilíbrio emocional e carência.

Rossini (2012), todavia, afirma que devemos sempre estar atentos às características e aos fatos da nossa sociedade, lembrando que, quando recebemos uma criança à porta da sala de aula, além da mochila com o material, ela traz todas as impressões que vivenciou, assimiladas ou não, bem elaboradas ou não (ROSSINI, 2012, p. 17).

Portanto, quando falamos sobre escola, falamos também em sistema educacional brasileiro, podemos lembrar que ele tem sido fortemente marcado pelo que chamamos de fracasso escolar. Segundo Paula (2009), uma das facetas mais problemáticas, importantes e graves da verdade educacional no Brasil, é o fracasso escolar, com o qual, é vivenciado há muitos anos. Nos primórdios da escolarização, há maior índice desta frequência e os problemas podem ser visualizados em todas as faixas de ensino, indicando altos índices de reprovação e evasão escolar.

Do ponto de vista afetivo, tal processo corresponde a histórias de mediação marcadas por impactos afetivamente negativos, que acabam por produzir um sentimento de distanciamento entre o aluno e os conteúdos, sentimento este cujos efeitos, frequentemente, generalizam-se para a escola como um todo.

Buscando entender tal fracasso ou insucesso escolar, a questão da afetividade tem sido um tema bastante abordado e analisado nas últimas décadas, sendo reconhecido e se constituído como uma das principais características no trabalho pedagógico em sala de aula. Assim, Rossini (2012), questiona qual a proposta da pedagogia afetiva e, responde que as crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade. É preciso dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço (ROSSINI, 2012, p. 15).

Cabe à escola, perceber que é através das práticas desenvolvidas em sala de aula, através de um planejamento metodológico e sistemático conjuntamente com a interação do sujeito que se consegue promover o que é chamado de aprendizagem com sucesso ou efetiva, um processo em que o aluno apropria-se do conhecimento que os conteúdos oferecem, mas também caracterizado por um vínculo de interação, aproximação, ou seja, um vínculo marcado por impactos afetivamente positivos entre o aluno e os conteúdos abordados, sabendo que o professor é o personagem principal para fazer essa ponte afetiva.

Uma das razões para esse reconhecimento tardio do fracasso escolar pode ser atribuída ao pensamento dualista que se tem do ser humano, ou seja, que o homem tem a razão e a emoção em duas dimensões separadas e independentes não havendo relação entre elas, sendo visto como um ser que ora sente, ora pensa. Nesta visão de ser dualista se estabelece que a razão e a emoção tornando-se com maior potencial e conseqüentemente caracterizando o homem como um animal racional reprimindo toda dimensão emocional estabelecendo assim que ele tem o controle das emoções tornando-o um ser reprimido e deprimido.

#### **4. CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA CONCEPÇÃO WALONIANA**

Não é de hoje que se discute a maneira como o indivíduo se desenvolve e aprende, principalmente no campo da pedagogia. Essa questão tem sido bastante discutida na área do conhecimento educacional. São vários, os teóricos que buscaram explicar de que maneira o sujeito se desenvolve e se apropria do conhecimento que cada vez mais se torna importante para ele. Dentre os vários teóricos que buscaram explicações, através de suas pesquisas Henri Wallon (1879-1962) se interessou pelo tema e sua presente complexidade.

Wallon foi um dos teóricos que contribuiu grandemente com as pesquisas e descobertas sobre o desenvolvimento do indivíduo e a forma como ele é afetado pelo meio que está inserido socialmente e culturalmente em diversas dimensões do seu processo de desenvolvimento, seja de ordem biológica, cognitiva ou afetiva, conhecer esse desenvolvimento em sua totalidade, sem fragmentação de nenhum desses elementos fez com que fizesse um estudo sobre o processo do desenvolvimento da afetividade para identificar as características do comportamento emocional, por meio de uma análise neurológica, ele extrai dela os fundamentos filosóficos e psicossociais da vida afetiva, assim como analisa as relações da afetividade com o psiquismo que interfere no desenvolvimento do indivíduo Wallon (2010). Assim, Wallon (1971) apresenta que a emoção tem suas origens na vida orgânica,

No entanto, As emoções pertencem a um meio diferente do meio puramente físico; é outro plano em que elas fazem sentir seus efeitos. Sua natureza resulta expressamente de um traço que lhes é essencial: sua extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo. Elas implicam relações interindividuais; dependem de relações coletivas; o meio que lhes corresponde é o dos seres vivos (WALLON, 1971, p. 122).

Dentre algumas razões que levaram Wallon a focar na questão da afetividade no processo do ensino aprendizagem, uma delas, foi a relevância que o meio sociocultural está estreitamente interligada com a formação do indivíduo, colocando esse fator como um dos conceitos principais da sua teoria, contextualizando, inserindo, o sujeito nesse processo que não está a parte do seu desenvolvimento de ensino aprendizagem, mas ao contrário, o meio faz parte de seu desenvolvimento, assim como interfere positivo ou negativamente.

Neste caso, a escola é um dos principais meios fundamentais para o desenvolvimento do sujeito, assim, afirma Wallon (1975), “Entre a psicologia e a educação as relações não são de uma ciência normativa e de uma ciência ou arte aplicada”, ou seja, mesmo não sendo um pedagogo, toda sua obra está imbuída de elementos que permitem elaborar uma proposta de educação progressiva, contemplando o indivíduo na sua totalidade.

Henri Wallon, em toda sua pesquisa buscou mostrar que no sujeito não existe uma independência entre os fatores afetivos, motor e cognitivos e que não há possibilidade de se ter uma separação. Analisar essas três dimensões humanas separadamente não é possível, porém falaremos de cada uma delas separadamente, ou seja, o motor, o cognitivo e o afetivo serão abordados de forma particular e, contextualizando com a questão do sociocultural, dessa forma temos uma noção mais clara do que cada uma delas apresenta na totalidade do ser humano.

Wallon descreve a afetividade como um conjunto de emoções, sentimentos e paixão. “Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva” (GALVÃO, p. 43, 2011). Deste modo, compreendemos que o sujeito passa por transformações que acontecem em várias fases do seu desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo e que como consequência se faz necessário haver uma predominância do afetivo e do cognitivo nesse contexto de transformações sucessivas.

A emoção está intimamente ligada às necessidades fisiológicas, funciona como um sistema que é acionado a cada situação “[...] é a emoção que imprime o real o seu tom. Mas inversamente os incidentes exteriores têm o poder quase infalível de à desencadear.” (WALLON, 1968, p. 134). Todos os estados que buscam sentimentos de prazer ou desprazer, são processos de afetividade.

De acordo com Dér (2010) a afetividade em Wallon é um conceito amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional, que são os sentimentos e a paixão. O

primeiro componente a se diferenciar é a emoção, que assume o comando do desenvolvimento logo nos primeiros meses de vida; posteriormente, diferenciam-se os sentimentos e, logo a seguir, a paixão. A afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia. Ela se origina nas sensibilidades orgânicas e primitivas, denominadas sensibilidades interoceptiva e proprioceptiva, que, juntamente com os automatismos, são vistas por Wallon como os recursos que a criança tem para se comunicar e sobreviver.

## 5. VIDA E OBRA DE HENRI WALLON

Nascido em 15 de junho de 1879 na França, o teórico Henri Paul Hyacinthe Wallon, conhecido como Henri Wallon, viveu toda sua vida em Paris onde faleceu em 1962. Sua biografia nos apresenta o perfil de um homem que buscou integrar a atividade científica à ação social, numa atitude de coerência e engajamento. A sua família era aristocrática, fortemente ligada à política e as tradições universitária e republicana, (SILVA, 2007, p.3-10; GALVÃO, 1995, p.89).

Em uma entrevista a Zazzo, Wallon diz, “Devo à minha família o fato de ter sido criado numa atmosfera republicana e democrática. Uma de minhas primeiras lembranças é a morte de Victor Hugo. Eu tinha seis anos. Após o jantar, meu pai nos leu fragmentos de Châtiments. Isso me tocou muito. Na manhã do dia seguinte, meu pai nos levou, meu irmão e eu, à casa mortuária. Victor Hugo era contra os tiranos, explicou meu pai. Isso me tocou ainda mais,” (ZAZZO, 1968, p. 1)

Ao longo de sua carreira, Wallon desenvolveu estudos nas áreas de psicologia, filosofia, medicina e política francesa, e também teve aproximação e contribuição para com a pedagogia. Seus estudos refletiram a teoria dialética do desenvolvimento psicogenético e demonstraram a relação contínua entre cognição e afetividade. (GALVÃO, 2014. p, 15)

Segundo Silva, Henri Wallon viveu em um período de grande instabilidade social e turbulência política. Foi contemporâneo às duas guerras mundiais (1914-1918 – 1939-1945), ao avanço do fascismo no período entre guerras, às revoluções socialistas e guerras para libertação das colônias na África que afetaram a Europa (particularmente a França, seu país de origem). Envolveu-se em diferentes movimentos de protesto contra os sistemas excludentes e autoritários, engajando-se em partidos de esquerda e tomando a frente em ações coletivas em prol da liberdade e da cidadania. É provável que a vivência de momentos históricos tão turbulentos tenha evidenciado a influência fundamental que o meio social exerce sobre o desenvolvimento da pessoa humana, aspecto que tem destaque em sua teoria (SILVA, 2007).

Em 1902, aos vinte e três anos, formou-se em Filosofia pela Escola Normal Superior. Durante o ano seguinte, deu aulas da matéria no ensino secundário. Como professor, discordava dos autoritários métodos empregados para controle disciplinar (GALVÃO, 2014).

Impulsionado pela tradição médico-filosófica da psicologia francesa, mas também pelo interesse em conhecer a organização biológica do homem, cursou medicina. Formou-se em 1908. Até 1931 atuou como médico em instituições psiquiátricas, onde dedicou-se ao atendimento de crianças com deficiências neurológicas e distúrbios de comportamento. Paralelamente à atuação como médico e psiquiatra, consolida-se seu interesse pela psicologia da criança. Os conhecimentos no campo da neurologia e da psicopatologia, adquiridos durante a experiência clínica, terão importante papel na constituição de sua teoria psicológica (SILVA, 2007).

Ao longo de sua carreira, as atividades do psicólogo foram se aproximando cada vez mais da educação. Wallon considerava que entre a psicologia e a pedagogia deveria haver uma relação de contribuição recíproca. Via a escola, como um contexto privilegiado para o estudo da criança, oferecendo campo de observação à psicologia e a psicologia, por sua vez,

ao contribuir conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento infantil ofereceria um importante instrumento para o aprimoramento das práticas pedagógica (GALVÃO, 2014).

## 6. PSICOGENÉTICA DA PESSOA COMPLETA

A psicogenética Walloniana oferece recursos para compreender o processo de contribuição da criança e do adulto (MENDES 2017). A psicologia genética define o psiquismo na sua formação e na sua transformação (WALLON, 1975). De acordo com a teoria, essa transformação ocorre por meio da integração das condições orgânicas do ser humano com o meio no qual está inserido.

A integração que permeia a teoria Walloniana ocorre de duas maneiras, articuladas e dialéticas: a primeira é a integração organismo meio, que refere-se entre o indivíduo e o meio no qual se relaciona (real ou virtual) e a segunda refere-se aos domínios funcionais (afetividade, ato motor, conhecimento e pessoa) (MENDES 2017).

A existência do homem, ser indissociavelmente biológico e social, se dá entre as exigências do organismo e as da sociedade, entre os mundos contraditórios da matéria viva e da consciência. O estudo do psiquismo não deve, portanto, desconsiderar nenhum desses fatores, nem tampouco tratá-los como termos independentes, deve ser situado entre o campo das ciências naturais e sociais (GALVAO, 2014).

Wallon, reconstruiu o seu modelo de análise ao pensar no desenvolvimento humano, estudando-o a partir da “psique” da criança que se desenvolve de modo descontínuo, marcado por contradições, resultado de maturação biológica bem como das condições ambientais, que provocam modificações no comportamento global. [...] o desenvolvimento da criança se constitui no encontro, no entrelaçamento de suas condições orgânicas e de suas condições de existência cotidiana, encravada numa dada sociedade, numa dada cultura, numa dada época (MAHONEY e ALMEIDA, 2004, p.14).

Diferente dos métodos tradicionais que priorizam a inteligência e o desempenho em sala de aula, a proposta Walloniana põe o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura mais humanizada. A abordagem é sempre de considerar a pessoa como um todo. Elementos como afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano. As atividades pedagógicas e os objetos, assim, devem ser trabalhados de formas variadas (FERRARI, 2008).

Recusando-se a selecionar um único aspecto do ser humano e isolá-lo do conjunto, Wallon propõe o estudo integrado do desenvolvimento, ou seja, que este abarque os vários campos funcionais nos quais se distribui a atividade infantil, afetividade, motricidade, inteligência (GAVÃO, 2014).

### 6.1 Campos Funcionais

Para Wallon a ideia de “pessoa,” inclui uma síntese dos conjuntos funcionais que são o afetivo, o motor e o cognitivo, e a integração dinâmica ente o orgânico e o social. Desta forma, Wallon é contrário à compreensão do humano como ser fragmentário. É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade (WALLON, 2007, p. 198).

Ao buscar focar o ser humano por uma perspectiva global, a psicogenética walloniana identifica a existência de alguns campos que agrupam a diversidade das funções psíquicas. A afetividade, o ato motor, a inteligência, são campos funcionais entre os quais se

distribui a atividade infantil, assim complementa Mahoney “eles formam um sistema integrado em que cada um deles depende do funcionamento do sistema como um todo, cada um deles participa da constituição dos outros, funcionando, então, o psiquismo como unidade” (MAHONEY, 2010).

Para Mahoney e Almeida, os campos, o motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas elas têm impacto no quarto conjunto: a pessoa, que, ao mesmo tempo em que garante essa integração, é resultado dela, (MAHONEY; ALMEIDA, 2012, p. 15).

Neste sentido, Parandini (2010) também afirma que, o campo funcional “pessoa”: é o conceito empregado por Wallon para definir e nomear o domínio funcional resultante da integração dos três primeiros: ato motor, afetividade e conhecimento. Pessoa é o todo diante do qual cada um dos outros domínios deve ser visto, pois para Wallon cada parte deve ser considerada diante do todo do qual é parte constitutiva, sob pena de, ao contrário, perder seu significado essencial. Assim, a pessoa é um conceito abstrato, genérico, que se refere ao que há de comum entre os homens, opondo-se ao conceito de indivíduo, como homem particular, concreto (PARANDINI, 2010, p. 30).

Sendo assim, os conjuntos funcionais são, então, constructos ou conceitos de que a teoria se vale para descrever e explicar a vida psíquica; são recursos abstratos de análise para identificar, para separar didaticamente o que na realidade concreta é inseparável: o indivíduo. Eles se referem a um sistema de funções psíquicas que se expressam nas atividades da criança. Cada atividade da criança resulta, então, da integração pela pessoa do cognitivo com o afetivo e com o motor (MAHONEY, 2010).

Em termos metodológicos, a teoria Walloniana tem seus pilares na perspectiva genética e na análise comparativa. Segundo (GALVÃO, 2014), para este autor, quanto maior o número de planos de comparação utilizados mais completa a explicação dos fenômenos estudados. Assim, para compreensão do desenvolvimento infantil, não bastam os dados fornecidos pela psicologia genética, é preciso recorrer a dados provenientes de outros campos de conhecimento. Neurologia, psicopatologia, antropologia e a psicologia animal foram os campos de comparação privilegiados por Wallon.

A antropologia, que na época dedicava-se sobretudo ao estudo das sociedades ditas primitivas, forneceu-lhe valioso material comparativo. Neste campo, Wallon identifica nos mitos, tentativas racionais de explicar o real, calcadas na objetiva diferenciação entre a existência sensível e a imaginária. Assim, aproxima o pensamento do “primitivo” do pensamento científico (lógico) e o distancia do pensamento infantil (GALVÃO, 2014).

Segundo Galvão (2014), Wallon acompanhou os avanços da neurologia da época (Pavlov, Sherrington) e, contrário a visão localizacionista, defendia a ideia da plasticidade do sistema nervoso. O estudo das síndromes psicomotoras, ao qual dedicou-se diretamente, deixou evidente as relações entre movimento e psiquismo, bem como o papel fundamental desempenhado pelo meio social (GALVÃO, 2014)

## **6.2 Estágios do desenvolvimento**

Wallon vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária, que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. Mahoney e Almeida (2010, p. 15), apresentam esses estágios da seguinte forma: A dimensão

temporal do desenvolvimento, que vai do nascimento até a morte, está distribuída em estágios, cuja sequência é característica da espécie, embora o conteúdo de cada um deles varie histórica e culturalmente.

Conforme os estudos de Wallon, a cada estágio é possível perceber a predominância das atividades ou conjuntos de recursos funcionais que o indivíduo dispõe, no momento, para interagir com o ambiente. A teoria de desenvolvimento de Wallon especifica os seguintes estágios:

- a) Impulsivo-Emocional (0 a 1 ano);
- b) Sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos);
- c) Personalismo (3 a 6 anos);
- d) Categorical (6 a 11 anos);
- e) Puberdade e adolescência (11 anos em diante).

Todavia, vale ressaltar que o mais importante não é o fator idade, e sim as condições do meio em que a criança está inserida. Segundo Galvão (2014), cada estágio tem uma concepção de desenvolvimento:

No estágio *impulsivo-emocional*, que abrange o primeiro ano de vida, o colorido peculiar é dado pela emoção, instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o meio físico; a exuberância de suas manifestações afetivas é diretamente proporcional a sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior;

No estágio *sensório-motor e projetivo*, que vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. A aquisição da marcha e da preensão possibilitam-lhe maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração de espaços. Outro marco fundamental deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem;

No estágio do *personalismo*, que cobre a faixa dos três aos seis anos, a tarefa central é o processo de formação da personalidade. A construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, re-orienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas;

Por volta dos seis anos, inicia-se o *estágio categorial*, que graças à consolidação da função simbólica e a diferenciação da personalidade realizadas no estágio anterior, traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior, imprimindo às suas relações com o meio, preponderância do aspecto cognitivo;

No estágio da *adolescência*, a crise pubertária rompe a “tranquilidade” afetiva que caracterizou o estágio categorial e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Esse processo traz a tona questões pessoais, morais e existenciais, numa retomada da predominância da afetividade.

Na teoria de Wallon, existem três leis reguladoras para a sequência dos estágios, que são: Alternância funcional, Predominância funcional e Integração funcional. Teixeira (2003) e Almeida (2014), trazem ideias que concordam com essa formulação teórica de Wallon, assim afirmam:

A lei de alternância funcional é uma lei geral, que diz respeito a todas as funções e domínios. As alternâncias funcionais são observadas não apenas no conjunto do desenvolvimento, mas no interior de um conjunto específico e em cada função complexa ou elementar [...]. Por essa razão, num mesmo estágio observa-se uma ambivalência que ora o

faz parecer de elaboração íntima, ora de reação ao meio. Assim, para se definir um estágio, é necessária a concorrência de outras duas leis do desenvolvimento: lei da predominância funcional e lei da integração funcional;

A predominância funcional diz respeito ao fato de que em cada fase predomina um tipo de atividade como recurso principal de interação entre a criança e seu meio. Esses recursos são de ordem cognitiva ou afetiva. Quando é o intelecto que predomina, a ênfase da atividade da criança orienta-se para a construção do real e do conhecimento do mundo físico [...]. Nos momentos em que predomina o afeto, as atividades da criança voltam-se à construção do Eu;

A integração funcional, que se inspira no desenvolvimento do sistema nervoso, é um processo mediante o qual o psiquismo vai sendo regido cada vez mais por estruturas corticais mais evoluídas. Isso significa que uma criança de um ano, por exemplo, não é capaz de pensar sobre suas emoções, embora sinta e perceba as manifestações neurovegetativas que as acompanham. A integração funcional é um princípio básico no processo de desenvolvimento porque, por meio dele, funções corticais mais recentes passam para o primeiro plano no controle da atividade da criança, substituindo funções mais antigas.

## 7. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este trabalho caracteriza-se como um estudo de campo e de caso com natureza qualitativo-quantitativo, visto que se faz necessário compreender e analisar mais cautelosamente o sujeito e suas condições. Sabemos que em um trabalho científico os procedimentos metodológicos correspondem ao conjunto de procedimentos técnicos e intelectuais adotados para a obtenção de um dado conhecimento (GIL, 2008).

Mesmo que, o trabalho de pesquisa esteja fundamentado no modelo qualitativo-quantitativo, nele está predominando o estilo qualitativo, pois esse tipo de pesquisa se preocupa em analisar dados que não podem ser quantificados, considerando uma série de condições para sondar os dados. Todavia, o conjunto de dados qualitativos e quantitativos, não se opõem, ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interagem dinamicamente excluindo qualquer dicotomia (MINAYO, 2001, p. 22).

Nesta abordagem foi utilizada a coleta de dados informativos para serem examinados e analisados, com a preocupação de coletar e atentar para um maior número de dados, a observação foi relevante no ambiente escolar, assim, Malheiros (2011) adverte que “a entrevista científica não é processo entregue ao acaso. Ela exige método rigoroso para que se possa analisar os dados que traz.” Ainda, segundo Marconi e Lakatos (2003) definem observação como:

Uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. [...] A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social, (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 190-191).

Desta forma, o estudo, objetiva compreender a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, no ambiente escolar do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Sempre procurando compreender a relação afetiva entre professor-aluno, e assim, observando a

concepção de afetividade durante a docência e, de que forma a afetividade é inserida em suas práticas pedagógicas, com a finalidade de se obter uma melhor aprendizagem.

Sendo assim, o instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário. O questionário foi elaborado nessa linha de pesquisa com o intuito de coletar dados para análise do problema em questão. De acordo com Marconi; Lakatos (2003, p. 201), “o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.”

O tipo de questionário escolhido para os entrevistados foi de questões objetivas e questões abertas, em que as perguntas objetivas apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo vários traços do mesmo assunto. “A combinação de respostas múltiplas com as respostas abertas possibilita mais informações sobre o assunto, sem prejudicar a tabulação” (Ibid, p. 201).

O questionário contém 3 questões discursivas relacionadas ao tema do trabalho. A primeira questão se refere ao conceito de afetividade, então se pergunta o que os docentes entendem por afetividade. Segunda questão se refere sobre a importância da afetividade para o ensino aprendizagem. A terceira e última questão discursiva se refere sobre as práticas pedagógicas envolvendo afetividade, então se pergunta se o docente em suas práticas pedagógicas envolvem atividades que trabalham a afetividade.

Nas questões objetivas que são ao todo 5, foram perguntadas as seguintes questões: primeira questão pergunta qual perfil de professor você se considera, se autoritário, se indiferente ou afetuoso. Na segunda questão pergunta-se como professora você se sente na obrigação de apenas ensinar os conteúdos ou além dos conteúdos também aconselha e ensina algo sobre a vida aos alunos. A terceira questão pergunta enquanto professor se ele desenvolve aulas com conteúdos do plano da série, aulas voltadas à cidadania em que o aluno torna-se crítico diante de questões sociais ou aula em que o aluno é protagonista e pode opinar, dar sugestões, etc.

A questão quarta é relacionada a questão de como é o relacionamento professor/aluno, então pergunta-se como você trata seus alunos, apenas como uma relação formal professor/aluno; se como amigo parcial em que houve suas histórias de vida dentro da escola ou como amigo total em que ouve o aluno e compartilha de suas histórias inclusive fora do ambiente escolar. Por último foi levantada a questão de como as professoras veem a escola, se como um espaço para aprendizagem formal ou como espaço onde tem aprendizagem e também a presença da afetividade.

A coleta de dados foi realizada diretamente com as professoras (as), coordenadora pedagógica e gestora em dois turnos (manhã e tarde). Obedecendo todas as normas legais, tais como, autorização dos responsáveis pela instituição e o termo de livre consentimento pelos pesquisados. No questionário foram analisadas 8 questões a cerca do tema investigado, sendo 3 questões discursiva e 5 objetivas. As respostas do questionário foram analisadas e catalogadas, conforme veremos em análise de dados.

A amostra foi composta por 20 profissionais. Para participar da pesquisa foi necessário as professoras estarem no exercício da função. A coleta dos dados foi realizada mediante a autoaplicação dos questionários e de forma anônima, onde o professor se tornou identificável pela idade e tempo de serviço. Este questionário foi elaborado a partir de indagações que surgiram sobre a questão da afetividade no contexto escolar e qual a importância ela tem para os professores, uma vez que ela pode ser um fator que interfere direta e indiretamente no rendimento escolar do aluno. A coleta de dados foi realizada pela autora durante o período de aula do segundo semestre letivo da escola.

A pesquisadora apresentou o questionário e em seguida permitiu o seu preenchimento, algumas professoras preenchia de imediato, outras levavam para casa para devolverem em outro dia. Essa coleta de dados foi realizada durante 15 dias. A questão 1 discursiva pede para

que o professor diga o que entende por afetividade; a questão 2 pede para o professor responder qual a importância da afetividade para o ensino aprendizagem; a questão 3 pede para o professor responder se ele insere em suas práticas pedagógicas atividades que visam desenvolver a atividade da criança. As questões objetivas foram de múltipla escolha, entre elas está a questão 1 que pede para o professor identificar seu perfil de acordo com as alternativas dadas; a questão 6 pede para o professor responder como trata seus alunos.

### **7.1 Local da pesquisa**

O local a ser realizada a pesquisa foi uma Escola pública Municipal de Ensino Fundamental – situada na cidade de Campina Grande, Paraíba – PB. A escola funciona há mais de vinte (20) anos nos turnos manhã e tarde, com turmas nos dois turnos, que são: 2 turmas de Educação Infantil (1º Pré e 2º Pré); 10 turmas de Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5ºano), ao todo são 12 turmas. Segundo os dados fornecidos pela gestão, à escola contêm uma faixa de 320 alunos. São seis (6) turmas pela manhã e seis (6) turmas à tarde, cada turma têm em torno de 27 a 30 alunos por sala. Sabemos que há alunos especiais, devido a isso existe além das professoras titulares a presença importante das professoras cuidadoras que acompanham as crianças com algum tipo de deficiência, total de 5 cuidadoras, a escola também possui 1 professora para educação física e 1 professor sendo esse específico para capoeira. A faixa etária da idade das crianças varia entre 4 a 14 anos de idade.

Os sujeitos da pesquisa foram: vinte (20) educadores, sendo quatorze (14) professoras (as), cinco (5) cuidadoras, uma (1) gestora, uma (1) coordenadora pedagógica. Todos responderam as perguntas feitas através do questionário que segue em (ANEXO 1) para visualização. O objetivo da utilização do questionário foi à obtenção de dados para uma análise mais objetiva e clara da situação em relação à afetividade e sua influência no processo de ensino aprendizagem atual da rede ensino.

## **8. ANÁLISE E DISCURSÃO DOS DADOS**

Buscando compreender a realidade dos professores e suas práticas pedagógicas em relação à afetividade, foram utilizadas cinco questões objetivas. A primeira questão buscou verificar como os professores se consideram em relação ao seu perfil profissional, ou seja, se ele se considera autoritário, indiferente ou afetuoso. Dos 20 entrevistados nenhum se considerou autoritário e nenhum disse ter o perfil indiferente e 100% dos participantes se consideram afetuosos, reflexivo, demonstrando carinho e amizade entre ele e o seu aluno e os aconselha sempre que necessário em questões pessoais.

Para Freire (1996), a prática educativa deve ser entendida como um exercício constante em favor da produção e desenvolvimento da autonomia dos educandos, que perde completamente o sentido sem o querer bem por aqueles e sem o gosto da alegria por sua prática. Nesse sentido o perfil do professor precisa ser afetuoso para que a aprendizagem aconteça.

Assim, em concordância com as características de um professor afetivo seria segundo Simoneto, Murgu e Ruiz (2016, p. 89) carinho, paciência, cuidado, dinamismo, atenção, consideração, bom humor, responsabilidade proximidade, afetuosidade, segurança, paciência, compreensão, humildade, empatia, respeitoso, autoconfiança, abertura às críticas e ao diálogo. Em contra partida, se essas características, quando não são contempladas, poderia inclusive levar o aluno a rejeitar o professor ou a escola, contribuindo assim, pelo desprazer de frequentá-la, como afirma Moreno (1999, p. 33)

A falta afetiva na escola ou em casa e o desconhecimento das formas de interpretação e de respostas adequadas perante às atitudes, condutas e manifestações emotivas das demais pessoas deixarão os alunos a mercê das mazelas sociais (a falta de referencial, o vício, a marginalidade a ociosidade, entre outros fatores que corrompem a juventude) (MORENO, 1999, p. 33).

Na segunda questão é verificado, enquanto professor, se ele apenas sente a obrigação de ensinar os conteúdos da matéria ou vai além dos conteúdos, ou seja, se o docente também lhes dá conselhos ou ensinamentos de vida, demonstrando interesse e mostrando afeto. Nesta questão todos os vinte, ou seja, (100%) dos participantes também disseram que além dos conteúdos ensinados também participa com seu aluno em outros assuntos, demonstrando assim, afeto e amizade. Neste segmento a autora Rossini (2001, p. 102), alerta que:

A aprendizagem deve ser algo que estimule o ser em desenvolvimento a querer aprender sempre mais e com mais detalhes. Quando a criança é estimulada com carinho e atenção para os estudos, incentivada pelos pais a realizar as tarefas de casa, a frequentar a escola, fazendo dela uma continuação do seu lar; e, na escola, os professores e funcionários promovem um ambiente de confiança, fraternidade e de comunicação, a criança corresponde positivamente: ela aprenderá os conteúdos com maior embasamento e, naturalmente, se desenvolverá, tornando-se um adulto feliz, consciente e saudoso de sua infância, um adulto que passará os mesmos valores às gerações futuras.

Entendemos que, os conteúdos programáticos são necessários, porém não são os únicos elementos que o professor precisa desenvolver com seus alunos no ensino aprendizagem.

Em seguida, na terceira questão, foi verificado, como os professores aplicam seus conteúdos previstos no plano, que outros conteúdos são aplicados para desenvolverem e direcionarem suas aulas, se é basicamente os conteúdos previstos no plano da série ou se desenvolvem aulas voltadas a cidadania em que o aluno torna-se crítico diante de questões polêmicas e sociais ou ainda aulas em que o aluno é protagonista e pode opinar, refletir e até mesmo sugerir o que deve ser tratado em aula. Para essa questão apenas um (1) ou 5% dos participante disse que suas aulas são baseadas nos conteúdos previstos pelo plano de estudo, seis professoras (30%) disseram que suas aulas são voltadas à cidadania em que o aluno torna-se crítico, treze participantes (65%) disseram que em suas aulas o aluno é protagonista podendo refletir e dar sugestões. Para Freire (1996, p.52) “saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Na questão seguinte, foi perguntado sobre como os professores tratam seus alunos, se com formalidade, de modo parcial ou amigo total. De 20 participantes, nenhum deles disseram estabelecer um tratamento formal professor/aluno, 12 ou (60%) deles disseram ser amigo parcial em que ouve suas histórias de vida e dá conselhos dentro da instituição escolar e 8 ou (40%) disseram ser amigo total em que estabelece uma amizade compartilhando suas histórias e momentos de vida, inclusive mantendo relações fora do ambiente escolar.

Segundo Almeida e Mahoney (2007, p. 30), os benefícios que se podem obter para o processo ensino-aprendizagem com a utilização dessas estratégias de ensino utilizadas por essas professoras são inúmeros, mostra que condições favoráveis de ensino aprendizagem foram criadas neste contexto, proporcionando um clima de descontração e confiança entre alunos e alunas e suas professoras.

Neste contexto, a autora Rossini (2012, p. 44), afirma que o professor de hoje deve ter qualidades humanas imprescindíveis como equilíbrio emocional, responsabilidade, caráter, alegria de viver, ética e principalmente gostar de ser professor. Desta forma, o professor encontra elementos para executar a afetividade na sua práxis.

Por último foi levantada a questão de como os professores veem a escola, se como um espaço para aprendizagem formal ou como espaço onde tem aprendizagem e também a presença da ação afetiva. Dos 20 participantes 100% disseram que a escola é um espaço de aprendizagem, mas com trocas afetivas, podendo sim ter interação e amizade. Segundo Vasconcelos (1995, p. 14), a escola pode se constituir em uma instituição social, crítica e, ainda promover uma atividade transformadora e constitutiva, em que tanto a criança, como o professor entra em uma relação de ensino-aprendizagem como sujeitos em processo de desenvolvimento.

Diante do exposto buscando compreender o que os professores entendem por afetividade, verificou-se que 100% dos professores têm a afetividade como um elemento importante e essencial na prática pedagógica para o ensino-aprendizagem, segundo eles a afetividade se caracteriza como um conjunto de sentimentos e afetos que é necessário para desenvolver em qualquer relação, conforme pode ser visto nos trechos das respostas das professoras:

*Prof.<sup>a</sup> 1- “A afetividade é basicamente ter empatia para com os outros, auxiliando-as a lidar com seus sentimentos.”*

*Prof.<sup>a</sup> 2- “A afetividade é compreendida como além das demonstrações de sentimentos e emoções, é uma das formas onde o ser humano é afetado pelo meio externo, ou seja, os sentimentos que lhes são transmitidos definem as características de seus sentimentos.”*

*Prof.<sup>a</sup> 3- “É estabelecer uma relação mais próxima com o aluno, entendendo-o de acordo com suas dificuldades e auxiliando-o com conselhos e palavras que o motive não só a estudar, mas também a viver. E principalmente, ter uma relação harmoniosa entre aluno e professor.”*

*Prof.<sup>a</sup> 4- “A afetividade é um conjunto de emoções que pode influenciar de forma significativa a vida da criança/adulto, podendo marcar de forma positiva ou negativa a vida do mesmo.”*

Por meio da análise das respostas dadas pelas docentes nos questionários, fica constatado que elas têm conhecimento do que é afetividade da importância que ela ocupa na relação professor/aluno no espaço educacional e que na interação com os seus alunos, a personalidade do professor se faz presente, incluídas aí as suas qualidades, sensibilidade, defeitos, entre outras características que se vinculam à mediação pedagógica com ação da afetividade.

Na perspectiva Waloniana, segundo Dér (2004, p. 61), a afetividade é um conceito amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que é a emoção, apresenta também um componente cognitivo, representacional que é o sentimento e a paixão. A afetividade é um conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido, afetando o mundo que o rodeia.

Outra questão pertinente nesse estudo foi identificar qual a importância da afetividade no processo de aprendizagem segundo os professores do ensino fundamental. Todos os 20 participantes destacaram a importância da afetividade no contexto escolar. Eles apontam que é essencial exercê-la para favorecer os relacionamentos e, assim, contribuir para aumentar a motivação e consequentemente contribuir no ensino aprendizagem. Conforme pode ser visto nas frases abaixo:

*Prof.<sup>a</sup> 1- “Da extrema importância, tendo em vista que a nossa sociedade está vivendo um momento onde as doenças psicológicas tem prejudicado a*

*vida das pessoas, precisamos conversar mais sobre as emoções e sentimentos.”*

*Prof.<sup>a</sup> 2- “Acredito que a afetividade contribui para o desenvolvimento educacional, visto que muitas crianças possuem grandes carências afetivas dentro dos seus lares.”*

*Prof.<sup>a</sup> 3- “É importante, pois como falei, essa compreensão gera proximidade e confiança, fazendo com que as crianças vejam o professor como apoio, suporte, mas principalmente parceiro.”*

*Prof.<sup>a</sup> 4- “A afetividade trás benefícios incríveis para a vida do aluno, no qual ele se sentirá seguro e a vontade para compartilhar suas experiências, contribuindo para o seu processo de ensino e aprendizagem.”*

Em suas falas se percebe que, na mesma perspectiva, elas veem a importância da afetividade, a contribuição que ela representa por ser desenvolvida dentro do ambiente escola. Assim, como diz Sabino (2012, p. 129), A dimensão afetiva se apresenta, pois, como presença silenciosa no percurso de vida das pessoas. Está ali o tempo todo. Está na “razão de ser” de muitas coisas. Nos sabores e dessabores, nos encontros e desencontros, na saúde e na doença. Está em todas as relações em que existem pessoas. Está em todos os espaços sociais. É impossível que não esteja presente, mas parece não ser possível admiti-la e reconhece-la como um aspecto importante da vida.

Nesta perspectiva a afetividade assume papel fundamental na escolarização do indivíduo, proporcionando um aos educadores uma direção para tratar do tema com mais cautela e, procurando promover uma práxis que construa caminhos para o desenvolvimento da pessoa como ser completo que ela é.

Buscando compreender o papel do professor em relação a afetividade, também procuramos saber se eles costumam inserir em suas práticas pedagógicas atividades que visam desenvolver afetividade. Entre os 20 participantes apenas 1 disse que não trabalha com atividades que visam desenvolver o afetivo do aluno, os outros 19 participantes disseram que contribuem para os alunos se sentirem mais autoconfiantes e para as aulas serem mais dinâmicas, para aprender a respeitar o outro, respeitando as diferenças, tornando os alunos mais humanizados. As frases a seguir representam as respostas dos professores:

*Prof.<sup>a</sup> 1- “Sim, promovo em minhas aulas dinâmicas sobre educação emocional.”*

*Prof.<sup>a</sup> 2- “Sim, quando estamos com o objetivo de desenvolver conteúdos em sala de aula precisa ter em mente que eles devem ser explorados no sentido de contemplar a vida, o contexto do aluno observando os modos de viver. Por isso deve-se levar em conta os sentimentos do aluno.”*

*Prof.<sup>a</sup> 3- “Sim, pois é impossível ensinar sem humanizar, sem afetividade não temos educação. A empatia é a salvação da nação.”*

*Prof.<sup>a</sup> 4- “Sim, pois percebe-se que quando se tem um contato afetivo com o aluno o mesmo se sente mais confiante e estimulado para aprender, além de estimular a curiosidade”.*

O discurso das docentes se encontra quando relatam da importância de se colocar a afetividade em suas práticas pedagógica. Elas não se restringem em dizer que é através das práticas afetiva o aluno funciona melhor, tem mais rendimento, ficam motivados a aprender

mais, a respeitar o outro, promover valor a vida, essas questões são bem firmadas e representa a importância da afetividade para o ensino aprendizagem, quão dimensão ela assume na vida das pessoas e em particular na questão da escolarização, afinal somos seres que a todo instante estamos nos construindo através dos ensinamentos da vida, e na fala de Freire (1996) ele afirma que;

Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada (FREIRE, 1996, p. 69).

No entanto, as entrevistas sobre aprendizagem e afetividade refletem de fato como o docente se vê, ou seja, eles se veem na necessidade de dar algo a mais nas suas aulas, que vai além dos conteúdos e de um processo de aprendizagem, mas muitas vezes na prática esse desempenho é insuficiente para garantir um bom resultado e um dos motivos é a falta de formação do educador afetivo. Segundo Tardif e Lessard (2014, p. 268), os docentes precisam ainda mais da especificidade desse trabalho interativo, entendendo-o como um trabalho investido: “[...] um professor não pode, apenas, ‘fazer o seu trabalho’, mas que deve engajar-se e investir a si mesmo no que é como pessoa nesse trabalho”, ou seja, na relação com professor/aluno, cada vez mais o professor se faz presente, incluídas então, as suas qualidades, sensibilidade, defeitos, entre outras características que se vinculam à mediação pedagógica.

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. É através da afetividade, esse elemento tão fundamental e necessário que se desenvolve laços afetivos nas relações, sejam essas relações no contexto familiar, no contexto escolar, ou qualquer outro contexto social. O homem necessita de interação para se constituir como ser e, através do outro ele se descobre como tal.

No ensino fundamental, as crianças precisam estar envolvidas em um contexto escolar apropriado que venha oportunizar o desenvolvimento de práticas afetivas. O professor (a) precisa interagir com os alunos criando vínculos afetivos e, dessa forma ajudá-los a superar obstáculos no desenvolvimento como ser completo que eles são, dentro de cada fase que eles se encontram.

Sabemos que são inúmeros os motivos que fazem os alunos se desestimularem da escolaridade, entre eles o ranço pelo ambiente escolar, determinados conteúdos e até professores são bem frequentes. Esse problema se agrava bastante com a falta de afetividade no ambiente escolar e, conseqüentemente levando o indivíduo não mais ter uma afinidade com esse ambiente de conhecimento, indo frequentá-lo por obrigação, sem prazer nenhum. Esse contexto é o que leva a muitas reprovações e desistências de alunos nas escolas.

O professor precisa reverter essa situação e entender que é necessário se apropriar de ferramentas que usadas leve o aluno a ter mais gosto pelos estudos.

Quando a escola efetua uma prática educativa baseada no viés da afetividade, essa prática se estende ao contexto familiar e, essa é contagiada, fazendo parte desse processo, o que torna possível o ensino aprendizagem ser desenvolvido de forma crescente qualitativamente e quantitativamente a favor do aluno que, é sempre o resultado final de todo o processo envolvido no âmbito escolar.

Compreendemos que é necessário o professor (a) amar a sua profissão de tal modo a assumir um compromisso consigo mesmo (a) diante de tantas dificuldades que os permeiam diariamente nesta labuta que é lecionar. Todavia, ele precisa fazer deste ofício uma missão

para que os resultados sejam satisfatórios a si como agente do conhecimento e ao outro como agente receptivo das informações.

Sabemos que lidar com educação é delicado, até porque precisamos mediar também segundo aos instrumentos legais, como as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que aponta à afetividade sendo uma dimensão própria do desenvolvimento humano, e como tal está no plano educacional do país, assim diz, “Dessa maneira, reconhecemos que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica”. (BRASIL, 2017, p. 16).

Percebemos que apesar da pesquisa ter encontrado resultados positivos a cerca da concepção, importância e prática da afetividade no contexto escolar, a constante atenção para esses fatores irem cada vez mais sendo frequentes e aprimorados é de extrema importância, pois como as docentes disseram que afetividade é um elemento fundamental na sua prática, e que abre caminho para os alunos ganharem confiança e otimismo. Desta forma percebo que, a necessidade de incorporarmos no cotidiano de nossas escolas o trabalho sistematizado com os sentimentos e afetos, rompendo com aquelas concepções educacionais que fragmentam os campos científico e cotidiano do conhecimento, e as vertentes racional e emocional do pensamento. Para tanto, precisamos ter coragem para mudar a educação formal e transformar os sentimentos, as emoções e os afetos em objetos de ensino e aprendizagem.

Por isso devemos insistir na presença relevante que a afetividade ocupa no processo educativo, e assim ao invés deles dos alunos sentirem repulsa pelos estudos, consiga seguir em frente com entusiasmo e confiança. Cativar alunos é uma forma de não excluí-los e humaniza-los, é necessário que não seja uma educação apenas de formação profissional, que formem-se professores (as), médicos (as), advogados (as), administradores (as), arquitetos (as), etc., mas sobretudo, profissionais que além de uma formação profissional também tenham afeto por si e pelo outro, profissionais escolarizados afetivamente que estejam no final humanizados.

A necessidade de incorporarmos no cotidiano de nossas escolas o trabalho sistematizado com os sentimentos e afetos, rompendo com aquelas concepções educacionais que fragmentam o indivíduo como se hora ele fosse racional, hora sentimental, no entanto o homem possui seu campo afetivo interagindo todo o tempo com seu campo cognitivo, motor e com o meio ao qual está inserido.

## 10. RERENCIAS

**ALMEIDA, Ana Rita Silva. A emoção na sala de aula. Campinas. São Paulo. Papirus. 1999.**

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga, (orgs.). **Afetividade e aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon.** São Paulo. Ed. Loyola, 2007.

ARANTES, Valéria Amorim. Afetividade, **cognição e moralidade na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento.** In: Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 2003. p. 109-128.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2ª Versão Revista. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em 01 de dezembro de 2019.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

CAVALCANTE, Meire. **Como criar uma escola acolhedora**. Nova Escola: Abril, nº 180, p. 52-57, março de 2005.

CECCON, Claudius. **A vida na escola e a escola na vida**. 41.ed. Petrópolis. RJ. Vozes.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.

DIAS, Marli Mendes. **O lugar da afetividade no cotidiano escolar**. São Paulo: 2007.

DÉR, L. C. S. **A constituição da pessoa: uma dimensão afetiva**. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. 2ª edição. São Paulo: Loyola, (2010. p. 61-76).

\_\_\_\_\_, Leila Cristina Simões **A constituição da pessoa: uma dimensão afetiva**. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. 1ª edição. São Paulo: Loyola, (2004. p. 89).

FERRARI, Márcio. **Henri Wallon: o educador integral**. Grandes Pensadores. Revista Nova Escola, São Paulo, Edição Especial. 2008.

FREIRE, Paulo. Professora SIM tia NÃO – Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, ed. Olho d' Água, 1993.

GALLAHUE, David L; OZMUN John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 2. Ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 20º ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_, Izabel. **Henri Wallon. Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil: 23º edição. 3º reimpressão 2018.**

\_\_\_\_\_, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil – Rio de Janeiro: Vozes, 1995**

\_\_\_\_\_, Izabel. **Henri Wallon, uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GARCIA, Joe. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. In: CUNHA, Jorge Luiz da & DANI, Lucia Salete Celich (org). **Escola, conflito e violência**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.

MENDES, Daniela Barros. **Memórias afetivas: a construção do professor na perspectiva de Henri Wallon**. Edição Loyola. São Paulo. 2017. Disponível em:<https://novaescola.org.br/conteudo/7229/henri-wallon>. Acesso em: 07 de nov.. 2019.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon.** Psicologia da educação, n.20, p.11-30, jun. 2005.

MORENO, M. et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal.** São Paulo: Moderna, 1999.

OUTEIRAL, José. **O mal estar na escola.** Revinter, Rio de Janeiro, 2003.

PAULA, V. M. dos S. R. de. (2009). **Fracasso escolar: quem são os culpados?** [Versão eletrônica], Sciencult, 1(1), 12-27.

PIAGET, Jean. **O juízo moral da criança.** 2ª edição, São Paulo, Summus, 1994.

ROCHA, Ruthe. **Dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

ROSSINE, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva.** 13ªed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_, Maria Augusta. **Pedagogia Afetiva.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SABINO, Simone. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa.** São Paulo, Paulinas, 2012. (coleção educação em foco).

SERRANO, Glória Pérez. **Educação em valores: como educar para a democracia.** 2ed. Porto Alegre. Artemed Editora S.A. 2002.

SIMONETTO, K., MURGO, C., e RUIZ, A. (2016). **Afetividade Na Educação: A Distância Sob O Olhar De Alunos De Pós-Graduação.** Rev. FSA, Teresina, 13(1), 83-96. doi: <http://dx.doi.org/10.12819/2016.13.1.5>

SILVA, Dener Luiz. **Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica.** Educar, Editora UFPR Curitiba, n. 30, p. 145-163, 2007a.

TARDIF, M., e LESSARD, C. (2014). **O Trabalho docente – Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** (9ª edição). Petrópolis: Vozes

TEIXEIRA, E. S. **A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vigotski: alguns aspectos de duas teorias.** Educ. Pesqui., São Paulo , v. 29, n. 2, p. 235-248, Dec. 2003

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1968.

\_\_\_\_\_, Henri. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

\_\_\_\_\_, Henri. **Psicologia da Educação e da Infância.** Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_, H. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_, Henri 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2010. p. 13-24.

**SITES:**

[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulgados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulgados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206)

**Agradecimentos**

A **Deus**, pela força divina, por todos os livramentos concedidos e todos os momentos de bênção alcançadas.

A minha família, em especial as minhas filhas, Priscilla de Sales Brito, Camilla de Sales Brito, esposo Carlos Valberto A. de Brito e minha mãe Maria de Lourdes Costa. Foram meu apoio e minha inspiração nesta caminhada.

A professora orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos Pelas importantes orientações, pela humildade de está sempre disposta a me ajudar na construção desse projeto.

Ao corpo docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, pelo bom trabalho durante a minha formação.

Ao corpo de funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, desde os funcionários da biblioteca até os de serviços gerais.

Aos meus amigos e colegas de graduação, pela troca de conhecimento e pela amizade que se sedimentou ao longo dessa trajetória.

A todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação. Obrigada!

## APÊNDICE

**Universidade Estadual da Paraíba  
Centro de Educação – CEDUC  
Curso: Pedagogia**

**Componente curricular: Trabalho de Conclusão de Curso**

Questionário realizado com professores (as) como complemento dos estudos sobre  
**afetividade no ensino e na aprendizagem.**

**FORMULÁRIO SIMPLES DE PERFIL DO PROFESSOR (A)**

**IDADE:** \_\_\_\_\_ Anos; **Leciona há quanto Tempo:** \_\_\_\_\_

**NÍVEL DE ENSINO QUE LECIONA:** ( ) Educação Infantil; ( ) Ensino Fundamental Anos Iniciais.

**NÍVEL DE ENSINO QUE JÁ LECIONOU:** ( ) Educação Infantil; ( ) Ensino Fundamental Anos finais; ( ) ensino médio; ( ) EJA; ( ) Outros.

**Questões:**

1. **O que você entende por afetividade?**

---

**Para você qual a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem?**

---

2. **Você costuma inserir em suas práticas pedagógicas atividades que visam desenvolver a afetividade com as crianças? Justifique sua resposta.**

---

3. **Você se considera um professor com perfil:**

( ) Autoritário (Segue regras impostas pela instituição, de maneira fiel, sem Flexibilidade com os alunos.

( ) Afetuoso e reflexivo (Demonstra carinho e amizade nas relações entre professor/aluno.

( ) Indiferente (Age de acordo com cada situação, sem estipular um perfil padrão)

4. **Como professor você sente-se na obrigação de:**

( ) Apenas ensinar os conteúdos da sua área;

( ) Além dos conteúdos, também dar conselhos e ensinamentos de vida.

5. **Como você trata seus:**

( ) Apenas com relação formal professor/aluno;

( ) Como amigo parcial – Ouve suas histórias de vida e dá conselhos dentro da instituição escolar;

( ) Como amigo total- Ouve o aluno e também compartilha suas histórias e momentos de vida, inclusive mantendo relações fora do ambiente escolar.

6. **Você enxerga a escola como:**

( ) Um espaço para aprendizagem formal;

( ) Um espaço para ensino aprendizagem, com trocas afetiva.